

O VELHO AYMARÁ E A CIDADE SEM NOME: OUTRAS FORMAS DE LER O SILÊNCIO EM SALA DE AULA

EL VIEJO AYMARÁ Y LA CIUDAD SIN NOMBRE: OTRAS FORMAS DE LEER EL SILENCIO EN EL AULA

Associado/a/e ANPAP: Não

Cristian Poletti Mossiⁱ
Davi Aragão Vieiraⁱⁱ
Vinícius Edilberto Prinstropⁱⁱⁱ

RESUMO

O artigo apresenta e discute duas obras de autores latino-americanos que utilizam histórias em quadrinhos como meio de expressão a partir dos sentidos que o silêncio toma nas histórias, e também aborda seu potencial didático para a promoção de formas de pensamento não hegemônicas em sala de aula. As histórias 'Conhecimento e sabedoria', da obra Pensar em movimento: pensadores latino-americanos para a sala de aula, e 'A cidade sem nome', da coletânea Giby: revista digital em quadrinhos, foram escolhidas por abordarem o silêncio de maneiras distintas: uma através da atitude silenciosa de uma personagem e outra através da ausência de expressões verbais na narrativa. Por fim, reflete-se sobre o sentido repressor do silenciamento no contexto de sala de aula em contraste com o sentido criativo do silêncio nas histórias abordadas.

PALAVRAS-CHAVE

Quadrinhos latino-americanos. Pensamento não hegemônico. Silêncio. Pensar em movimento. Giby revista digital em quadrinhos

RESUMEN

El artículo presenta y discute dos obras de autores latinoamericanos que utilizan historietas como medio de expresión, centrándose en los significados que el silencio adquiere en las historias. También aborda su potencial didáctico para promover formas de pensamiento no hegemónicas en el aula. Se seleccionaron las historias 'Conhecimento e sabedoria', de la obra Pensar em movimento: pensadores latino-americanos em sala de aula, y 'A cidade sem nome', de la colección Giby: revista digital em quadrinhos, debido a que abordan el silencio de maneras distintas: una a través de la actitud silenciosa de un personaje y otra mediante la ausencia de expresiones verbales en la narrativa. Por último, se reflexiona sobre el sentido represivo del silenciamiento en el contexto del aula en contraste con el sentido creativo del silencio en las historias analizadas.

PALABRAS CLAVE

Historietas latinoamericanas. Pensamiento no hegemónico. Silencio. Pensar en movimiento. Giby: revista digital de cómics

O exercício docente exige uma atenção constante em relação aos materiais e métodos que estão à disposição de professores e alunos. Às vezes ocorre que o que chega mais facilmente às nossas mãos não é o mais apropriado àquele momento e àquela circunstância, frequentemente por não contemplar as idiossincrasias de uma turma específica, num momento e numa comunidade específicos. Tal característica não é exatamente uma lacuna, mas a expressão de um modo de pensar hegemônico que se quer universal, silenciando diferenças. É parte do processo de constituição de um tipo específico de racionalidade que as diferenças sejam limadas e que aquilo que não é concebível ou conveniente dentro de sua própria lógica seja escanteado, colocado como caso ou exceção, ou mesmo enxovalhado, como uma deficiência ou uma incoerência. Uma das coisas que parecem resistir a ocupar um lugar dentro do pensamento hegemônico é o silêncio. Ele está lá, mas parece não ocupar espaço algum. Sua presença é o indício de uma falta, de um espaço vazio que deve ser ocupado. De modo geral, nossa sensibilidade para lidar com o que acontece, dentro e fora da sala de aula, não toma o silêncio como uma atitude ativa, como uma possibilidade de ação diante dos problemas. Talvez uma das razões disso seja por não termos sido familiarizados com sua potencialidade, e pela escola geralmente ser um meio de silenciamento do aspecto criativo do silêncio. No cotidiano de sala de aula, sabemos que há todo tipo de necessidades, e nem sempre temos materiais e métodos disponíveis para tratar de toda demanda que surge. Pode ocorrer que às vezes as palavras não sejam o melhor meio para lidar com determinada situação, e nesses casos seria importante que fôssemos capazes de promover essa familiarização com o silêncio, de pensá-lo como uma atitude consciente e de termos disponíveis recursos que nos auxiliem nessa empreitada.

Nas páginas que seguiremos apresentaremos algumas proposições acerca da potencialidade dos quadrinhos para o desenvolvimento de formas de pensar não hegemônicas e que tomem como ponto de partida obras de autores latino-americanos, no contexto da sala de aula. Para tal, abordaremos duas produções de autores latino-americanos que utilizam os quadrinhos como meio de expressão: Pensar em movimento: pensadores latino-americanos para a sala de aula, coordenadas por Alonso Bezerra de Carvalho e José Alejandro Tasat; e Giby: revista digital em quadrinhos, coletânea que reúne autores/as de vinte países da América Latina. Escolhemos algumas histórias de cada obra para problematizarmos um

aspecto que nos pareceu eloquente nesta aproximação: a presença do silêncio. Cada uma das histórias escolhidas lida com o tema do silêncio de uma forma particular: em Pensar em movimento temos o gesto de silêncio de uma personagem como disparador de indagações acerca do sentido daquela falta de palavras; e na história da Giby temos a ausência de palavras como forma que perpassa cada quadrinho, construindo uma narrativa que se desenvolve a partir de eloquentes e misteriosas imagens.

As três historietas de Pensar em movimento: pensadores latino-americanos para a sala de aula, obra resultado de uma parceria entre a UNTREF, UNESP e UNISC, apresentam três pensadores que não fazem parte dos currículos escolares tradicionais: o filósofo argentino Rodolfo Günter Kusch e suas investigações acerca da dualidade entre conhecimento e sabedoria; o sociólogo peruano Aníbal Quijano e a discussão sobre raça e colonialidade; e a socióloga e historiadora boliviana Silvia Rivera Cusicanqui com sua abordagem acerca das identidades americanas. A partir de fragmentos da obra de cada um foram pensadas pequenas histórias em quadrinhos para serem trabalhadas em sala de aula, além de propostas de atividades didáticas que desenvolvem as questões abordadas nas histórias. Nas palavras do professor Tasat, "trata-se de pensar em movimento, traçando um andar educativo que supõe incertezas, acertos, apostas, programas e jogos na sala de aula" (CARVALHO; TASAT, 2020, p.7). Uma história é mais concreta do que um conceito ou uma dissertação, ela expressa uma forma de pensamento mais imagética e menos argumentativa, uma racionalidade mais americana e menos colonial, o que é, afinal, a principal motivação da obra. Já na epígrafe da edição argentina^{iv}, a citação de Rodolfo Kusch, "Trata-se de descobrir um novo horizonte humano, menos colonial, mais autêntico e mais americano" (2020, p.7), apresenta o que abordam as histórias que seguem. Descolonizar o imaginário, perceber-se como sul-americano, com sua metade ancestral profundamente atuante no modo de viver e pensar, consciente da diversidade de lógicas e do caráter situado de todas, abrindo-se a outras formas de ver as coisas. Essa é a matéria em trânsito das historietas de Pensar em movimento.

Já a obra Giby: revista digital em quadrinhos^v, da editora Quadriculando, é a primeira publicação digital^{vi} em quadrinhos, no formato coletânea, que reúne autores/as oriundos de vinte países da América Latina, além de histórias provenientes de

quadrinistas da Espanha e Portugal. Das dezesseis histórias analisadas, trazemos para essas linhas o quadrinho A cidade sem nome, da ilustradora cubana Duchy Man Valdera, o qual coloca em primeiro plano uma narrativa que utiliza somente imagens. Entendemos que a coletânea possui histórias que podem contribuir de diversas formas para planejamentos de aulas na educação básica, tendo em vista que os quadrinhos englobam uma abundância de temas e expressões visuais que partem das experiências culturais e vivências de autores/as que pertencem ao contexto do sul global.

Amaro X. Braga Jr (2021) convida para depositarmos atenção em quadrinhos criados por roteiristas e ilustradores/as dos países da América Latina. O pesquisador salienta a importância de “compreender o papel das publicações isoladas feitas pelos nativos e desenvolver estudos comparativos de como estas ações se relacionam - ou não, com o cenário global que afeta a mesma região produtora” (BRAGA JUNIOR, 2021, p. 127). Para o autor estas produções nos possibilitam entrar em contato com perspectivas relativas ao imaginário social, cultural e político de uma determinada região.

Nesse panorama, Ivan Lima Gomes (2021) aponta a falta de pesquisas que trabalhem com os cenários de produção e circulação de quadrinhos nos países da América Latina. Segundo o autor, é necessário o trabalho de estruturação do percurso dos quadrinhos ao longo dos anos no nosso continente, dando conta de como se desenvolve a produção local e de como ela se relaciona com a vida dos/as produtores/as e leitores/as dessas obras.

Isto posto, o nosso objetivo é tanto o incentivo para a utilização de quadrinhos de autores/as sul-americanos/as em sala de aula, como as potencialidades imagéticas em face do silêncio em um espaço de aprendizagem que elas evocam. Em aliança com Cristiano Bedin da Costa e Angélica Vier Munhoz, partimos do entendimento da aula como: “Espaço e tempo de gestos múltiplos, uma aula é também uma ocasião de encontro entre a ideia abstrata e a realidade concreta, a junção entre a ordem das coisas sensíveis e inteligíveis” (2020, p. 196). Entre as questões que ressoaram durante a escrita deste artigo, ressaltamos: Como quadrinhos produzidos na América Latina podem atuar sobre a diversidade de vidas que compõem o espaço

de sala de aula no nosso país? Quais perspectivas de leituras o silêncio proporciona nos quadrinhos operados neste artigo?

Conhecimento e sabedoria

Propostas pedagógicas mais tradicionais e com tendência tecnicista tendem a considerar o ensino-aprendizagem pelo seu viés de erudição e de utilidade, assim como proposições tradicionais no campo dos estudos cognitivos tendem a considerar a mente como localizada no interior dos indivíduos, geralmente no cérebro, e como uma espécie de máquina capaz de processar informações externas através da atividade neuronal. Segundo essa perspectiva, o ato de pensar é frequentemente visto a partir de uma metáfora com o processamento computacional de informações, em que há uma realidade exterior que fornece os dados (o *input*) a serem decodificados e interpretados por sujeitos dotados de uma aparelhagem neuronal capaz de processar os fatos do mundo (BAUM; KROEFF, 2018, p.207). A forma que esse modo de ver geralmente adquire no contexto escolar-acadêmico é a de conceber o pensar como as operações lógicas e conceituais da atividade mental, priorizando questões de raciocínio e resolução de problemas. A proposta apresentada aqui, no entanto, parte de outras possibilidades racionais, lógicas e sobremaneira sensoriais, menos resistentes à intuição e aos silêncios do que é o pensamento racional estreito; parte de uma perspectiva que considera que “o pensar não se reduz a uma analítica conceitual, uma disputa entre argumentações ou a uma simples abstração acadêmico-literária, cristalizando o conhecimento como algo estável, determinado e fixo” (CARVALHO; TASAT, 2020, p.7).

A obra *Pensar em Movimento: pensadores americanos para a sala de aula*, propõe uma didática alternativa ao modo de conceber as coisas do pensamento hegemônico, começando pela ideia de que “o pensar está sendo vivo no solo que ocupamos e aqui nos interessa possibilitar o encontro com autores que não são trabalhados em nosso currículo e que pertencem a outras latitudes continentais” (CARVALHO; TASAT, 2020, p.7). Entre as implicações de outras lógicas e modos de pensar, e não da Lógica e do Pensamento, está a de que pensar não é somente as operações analíticas e conceituais que caracterizam um certo tipo de pensamento, o do homem branco ocidental, que descreve e que explica, e que só a muito

contragosto pode conceber que há coisas que não podem ser descritas e nem explicadas.

A historieta Conhecimento e sabedoria^{vii} é baseada num fragmento da obra *El pensamiento indígena y popular en América*, publicada em 1970, de Rodolfo Kusch. Ela conta de uma visita de Kusch e alguns alunos a uma comunidade tradicional, um *ayllu*, para realizar um trabalho de campo. Assim que chegam, o que mais lhes chama a atenção é o silêncio de um velho senhor, que "estava recostado sobre a parede de adobe e olhava distante, enquanto o assediávamos com perguntas" (CARVALHO; TASAT, 2020, p.17). A entrevista segue, mediada pelo filho do velho, já que este não sabia falar espanhol, e talvez a presença do filho nem tivesse sido muito necessária, pois o velho pouco falava: "De vez em quando, o avô dava voltas e respondia às nossas perguntas com certo sorriso". Diante dessa resposta evasiva, que aos olhos e ouvidos do pesquisador argentino não dizia muita coisa, ele reflete que "Um sorriso pode ser útil quando não se quer dizer o que realmente pensa e, geralmente, quando não se quer falar" (CARVALHO; TASAT, 2020, p.17).



Imagem 1. Quadro de Conhecimento e sabedoria (CARVALHO, TASAT; 2020, p.14). Digital, 10 cm X 9,5cm. Design: Javier Nobile

O encontro com o velho *aymará* já começa mediado pelo silêncio como um elemento que se sobressai, que atrai a atenção dos pesquisadores, acostumados à comunicação científica, mais objetiva, clara e descritiva. Condescendentes com o silêncio do velho, supostamente incapaz de acompanhar o curso das perguntas e de formular respostas de acordo com o que esperam, os pesquisadores desistem. Uma personagem ainda ressalta que “Alguém, escandalizado com a atitude do avô, o qualificaria de ignorante. É o que costumamos fazer nesses casos” (CARVALHO; TASAT, 2020, p.18). No entanto, o que separa de forma profunda o mundo silencioso das evasivas do velho senhor e a sede de informações dos pesquisadores é mais do que a quantidade de palavras que cada um é capaz de dizer, mas uma diferença de línguas, de modos de ver. Não somente porque o primeiro não compreende o castelhano, mas principalmente porque os brancos não compreendem o silêncio. Para eles, o silêncio expressa uma falta, uma resignação cujo sentido é o de impedir que se vá adiante com as palavras, que se desenvolva um discurso que atue na concretização de algo; e como meio de remediar tal incômodo, explicando-o, é comum atribuir àquele que é responsável pelo silêncio o adjetivo de ignorante. O mecanismo de defesa do homem branco diante do que não compreende é, ironicamente, atribuir ao outro sua própria ignorância. É como que um ajuste de realidade para torná-la inferior, para manter segura a questionável superioridade do homem civilizado, racional e explorador. Diante do silêncio, o homem branco não é capaz de resignar-se, nem de tentar ouvir o que não é feito de palavras; ele logo toma para si a responsabilidade de explicar o porquê do silêncio, de descrevê-lo como ausência de algo, de uma falta que imediatamente é remediada por intermináveis discursos. Para o homem branco, o silêncio não pode ser deliberado: é sempre sintoma de ignorância.

Na sequência da história, porém, depois que os pesquisadores deixam a aldeia, aquele silêncio continua ecoando durante a viagem de volta. A personagem de Kusch está pensativa, em silêncio. No último quadro da história, toda a equipe desce da caminhonete para contemplar o pôr do sol na *puna*^{viii} boliviana, "Talvez como aquele senhor fazia" (imagem 2).



Imagem 2. Página de Conhecimento e sabedoria (CARVALHO, TASAT; 2020, p. 16). Digital, 15 cm X 10 cm. Design: Javier Nobile

Uma história que transitou pela Giby

Valdera (2021) em *A cidade sem nome*, apresenta-nos um quadrinho silencioso, porém repleto de possibilidades de sentidos, no qual não existe texto verbal ao longo da trama. Silêncio esse que pode remeter, aqui, à atitude do velho *aymará* mencionado na seção anterior. Durante a narrativa encontramos diversas referências a obras de arte. São releituras que constituem parte da vida da personagem, provocam-na a seguir entre cenários.

Pensativa, a protagonista, cujo nome a história não revela, está sentada de frente para uma grande mesa, ao fundo uma parede ostenta dois grandes quadros. Ela se perde entre as dobras do tecido que recobre a mesa (imagem 3), o que a impele a um miraculoso percurso, deixando-na em uma cidade com construções suntuosas.



Imagem 3. Página do quadrinho A cidade sem nome (VALDERA, 2021, p. 85). Digital, 13 cm X 9 cm.
Design: Duchy Man Valdera

A personagem é desenhada em um tamanho pequeno (imagem 4), em comparação às estruturas arquitetônicas. A profusão de ilustrações no decorrer da obra não parecem ter um encadeamento único de enredo, permitindo múltiplas leituras. É um elemento constante nos quadros o detalhe dos olhos da personagem (imagem 5), desenhados como se estivessem observando ora outro personagem, ora o leitor.

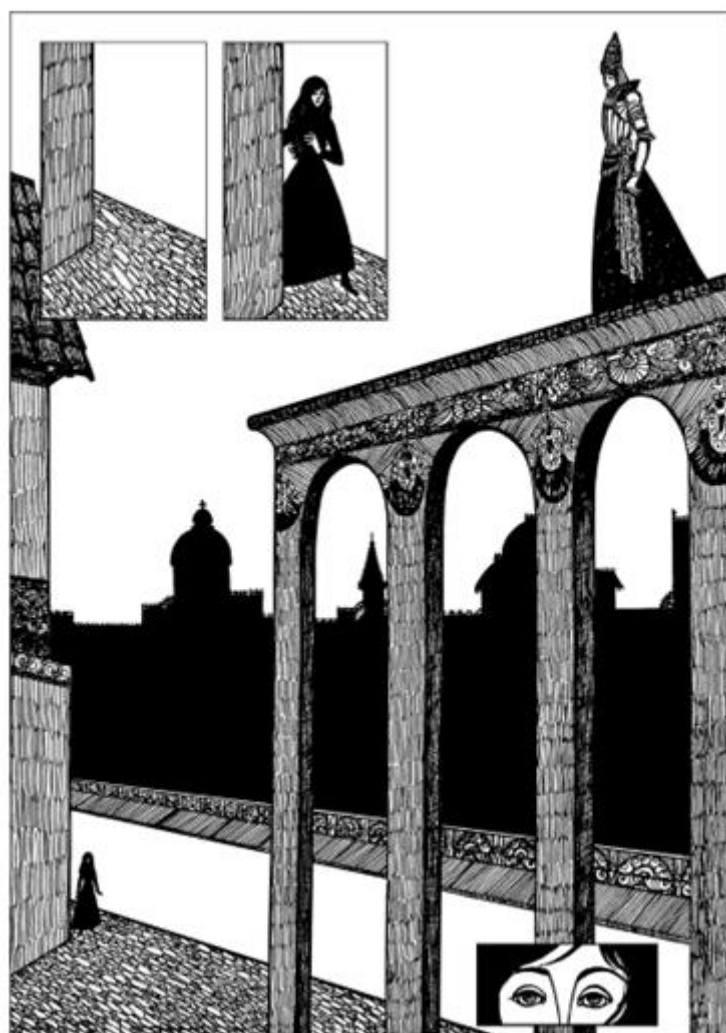


Imagem 4. Página do quadrinho A cidade sem nome (VALDERA, 2021, p. 87). Digital, 13 cm X 9 cm.
Design: Duchy Man Valdera



Imagem 5. Página do quadrinho A cidade sem nome (VALDERA, 2021, p. 88). Digital, 15 cm X 10 cm.
Design: Duchy Man Valdera

Por fim, a protagonista está de costas e contempla o quadro do início da história (imagem 6), que agora domina quase todo o espaço da folha com suas áreas na cor preta e muitas linhas que formam variados padrões. Nas duas páginas que dão prosseguimento para o desfecho da obra, a protagonista contempla a cidade, a qual se extingue em linhas formadas por diminutos pontos.



Imagem 6. Detalhe da página do quadrinho A cidade sem nome (VALDERA, 2021, p. 91). Digital, 10 cm X 10 cm. Design: Duchy Man Valdera

Na última página, a protagonista mais uma vez está sentada em frente a uma mesa. Nessa perspectiva, Alexandre Linck Vargas aconselha uma forma de se relacionar com as ilustrações de um quadrinho, a qual percebeba “os vínculos que são criados, que possibilitam que uma imagem se abra – e se confine – para uma história que a atravessa” (2015, p. 216). A expressão da personagem é serena, ela está com o rosto arqueado para direita, as mãos entrelaçadas entre si e sustentando o queixo. Os seus olhos, mais uma vez, contemplam o leitor.

Os silêncios perpassando quadrinhos e sala de aula

Na América Latina, seguindo o entendimento de Roberto Elísio dos Santos, “as histórias em quadrinhos têm uma rica tradição e são a ponta de lança de explorações maiores da forma, estética e conteúdo, mas no meio da instabilidade econômica e política não desenvolvem uma ‘indústria de quadrinhos’” (2020, p. 146). Embora Santos evidencie a precariedade da organização profissional dos/as artistas que trabalham com quadrinhos, Conhecimento e sabedoria e A cidade sem nome são exemplos de publicações acessíveis para o ambiente escolar, principalmente com a viabilidade do formato digital.

Nesse sentido, Gomes entende que: “As HQs ultrapassam as divisas nacionais, tal como os personagens ultrapassam as fronteiras dos quadrinhos e alcançam o cotidiano das pessoas sob a forma de produtos e fantasias” (2021, p. 191). As duas histórias que movimentamos nesta escrita são expressões dos quadrinhos como produções culturais que transitam por entre países, possibilitando trocas de vivências entre os/as leitores/as que dispõem dessas obras. O nosso convite é para que os quadrinhos operados neste artigo sejam lidos como

algo que alguém não sabe nem espera, algo que compromete o leitor e o coloca em questão, algo que afeta a totalidade da sua vida na medida em que o chama para ir mais além de si mesmo para, tornar-se outro. (LARROSA, 2015, p. 101).

Assim, a escolha pelo gênero narrativo e visual das histórias em quadrinhos é bastante significativa para a construção de um pensamento americano desde o ensino básico, pelo potencial das narrativas visuais como ferramenta pedagógica e principalmente por serem um meio de expressão do conhecimento sul-americano ancestral e de aspectos culturais contemporâneos de países estabelecidos no cenário do sul global.

O silêncio habita Conhecimento e sabedoria, possibilitando aos personagens a experiência de situações que não podem ser explicadas e descritas por uma interlocução objetiva e científica. É profícuo traçar um paralelo entre o âmbito do inexprimível que encontramos no silêncio do velho e a concepção do fazer docente para Da Costa e Munhoz. “Em uma aula, produz-se em meio aos signos, pela potência do indizível, na materialidade intensiva dos encontros” (2020, p. 203). O silêncio pode irromper na sala de aula provocando a atenção ao momento presente, assim como a atitude do velho instigou os outros personagens a estarem atentos à abundância de possibilidades que permeiam as vivências do agora. Sob esse olhar, mostra-se valioso o entendimento de Wunder e Villela:

Se cada ponto de vista é um mundo e se o mundo que construímos com o pensamento e a estética ocidental é um dentre muitos possíveis, ir ao encontro de sons, imagens, palavras, modos de pensar dos povos indígenas é um dos desafios de uma educação aberta à diferença. (2017, p. 15).

Por se tratar de um quadrinho silencioso, A cidade sem nome viabiliza uma aproximação a uma discussão referente aos limites difusos que caracterizam esse campo artístico.

Nos quadrinhos, a impossibilidade de se demarcar o limite entre palavra e imagem pode levar suas origens ao limiar da cognição humana, à origem da narrativa e à bifurcação do pensamento entre um mundo iconográfico e um mundo verbal. (MARCONDES, 2016, p. 157).

Ao assumirmos a “docência como leitura, avaliação e abertura de espaços” (DA COSTA; MUNHOZ, 2020, p. 199), o quadrinho silencioso pode estar na sala de aula como um artefato cultural que convida à experimentação e mostra a possibilidade de uma prática educacional arredia a definições estanques.

Ciro Inácio Marcondes pontua que “uma história em quadrinhos muda ou silenciosa acaba surgindo como uma espécie de antípoda que coloca em risco toda definição do que poderia ou deveria ser a expressividade deste meio de comunicação” (MARCONDES, 2016, p. 156). Encontramos em A cidade sem nome uma história na qual os desenhos estão “abertos a uma variabilidade na utilização de formas de linguagem” (MARCONDES, 2016, p. 157). O pesquisador nos convida a usufruir esse gênero de quadrinhos atentando para como as imagens por si só viabilizam uma abertura para múltiplas interpretações.

Silêncio e silenciamento

Em contextos pedagógicos mais conservadores, a expressão “Silêncio!” costuma ser empregada em seu sentido exclamativo, como uma ordem ou pedido para que a turma se cale e as palavras do professor possam ser ouvidas, ou então para que as tarefas possam ser realizadas sem perturbação. Os espaços que o silêncio ocupa em sala de aula são relacionados a aspectos repressivos, a silenciamentos que remetem à indiferença, à submissão ou à incapacidade de preencher os espaços com palavras que estejam de acordo com o que se espera. A resposta em branco, o calar-se por coação e o não saber responder são as formas em que geralmente o silêncio se expressa na escola.

O que propomos aqui, no entanto, foi uma abordagem ativa do silêncio, não como condição para as explicações e descrições verbais, mas como um espaço eloquente

de sentidos que são de outra ordem e podem se manifestar numa recusa em responder de acordo com o que se espera, caso do velho *aymará* na primeira história analisada, ou como uma narrativa complexa que sugere múltiplos sentidos sem que uma palavra esteja presente, caso do segundo quadrinho.

Em Conhecimento e sabedoria o velho senhor consubstancia os seus saberes na narrativa através do silêncio, o qual suscitou no grupo de amigos uma conversa sobre as perspectivas culturais deles em contrapondo à sua. Silêncio que instigou os personagens a falar sobre os seus rituais pessoais, sobre a preservação do meio ambiente, entre outras ponderações.

Na sucessão de páginas que abdicam da palavra escrita da história A cidade sem nome, a narrativa extravasa em possibilidades de caminhos para a condução da trama. Ao acompanharmos as deambulações da protagonista, efetuamos uma leitura que se espalha por possibilidades que se adensam no quadrinho através dos gestos contidos e olhares firmes das personagens que passeiam ao longo da história.

Na relação com os quadrinhos proposta neste artigo, “a leitura é um diálogo entre o dito e não dito do texto, entre o que a palavra entrega e o que retém, mas sendo o não dito o lugar essencial de onde ressoa o sentido” (LARROSA, 2015, p. 101). Por esta linha e partindo da ótica da aula como um encontro e tensionamento do mundo ficcional e do mundo ordinário (DA COSTA; MUNHOZ, 2020), o que pode transbordar de um grupo de estudantes e um/a professor/a que leiam esses quadrinhos? Assim como as personagens foram insufladas por questionamentos, abre-nos a possibilidade de estarmos atentos às nossas vivências cotidianas e como ela pode verter para o espaço escolar em uma postura problematizadora e disposta à experimentação.

A disposição em abordar questões silenciadas na rotina escolar - e a potencialidade do silêncio é um irônico exemplo - exige do professor um constante cuidado na busca e escolha dos materiais que lhe servirão de apoio em sua prática, e mais do que isso: exige que o professor não se coloque como alguém que possui aquele saber, mas que o constrói com os estudantes. Tanto estes como aquele estão submetidos ao pensamento hegemônico, e as virtuais alternativas de ressignificação

de ideias genéricas que parecem naturais só se concretizam no coletivo, numa compreensão que não é transmitida de fora pelo professor, mas que surge a partir de necessidades reais de uma comunidade específica.

Referências

- BAUM, Carlos; KROEFF, Renata Fischer da Silveira. Enação: conceitos introdutórios e contribuições contemporâneas. **Rev. Polis e Psique**, 2018; 207 – 236.
- BRAGA JUNIOR, Amaro X. Potencialidades sociológicas dos Quadrinhos In: MODENESI, Thiago. **Giby #1**. Jaboaão dos Guararapes/PE: Quadriculando, 2021.
- CARVALHO, Alonso Bezerra de; TASAT, Alejandro. **Pensar em movimento: pensadores latino-americanos para a sala de aula**. Marília : Lutas Anticapital, 2020.
- DA COSTA, Cristiano Bedin; MUNHOZ, Angélica Vier. A aula como gesto: um princípio para a docência. **Revista Teias**, [S. l.], v. 21, n. 63, p. 191–205, 2020. DOI: 10.12957/teias.2020.53637. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/53637>. Acesso em: 4 jan. 2024.
- GOMES, Ivan Lima. Temas e questões para uma história da edição de quadrinhos na América Latina. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 169–194, 2021. DOI: 10.35699/2317-2096.2021.25064. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/25064>. Acesso em: 1 abr. 2024.
- LARROSA, Jorge Bondía. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, 5. ed., 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- MARCONDES, Ciro Inácio. Arzach e o despontar da narrativa gráfica silenciosa. **Esferas**, n. 9, 25 out. 2017.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. Quadrinhos latino-americanos, esses desconhecidos. **9ª Arte (São Paulo)**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 145–149, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9877.v9i1p145-149. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/179929>. Acesso em: 1 abr. 2024.
- Valdera, Duchy Man. A cidade sem nome. In: MODENESI, Thiago. **Giby #1**. Jaboaão dos Guararapes/PE: Quadriculando, 2021.
- VARGAS, Alexandre Linck. **A invenção dos quadrinhos: Teoria e crítica da sarjeta**. 323 f. Tese (doutorado). Programa de PósGraduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- WUNDER, Alik; VILLELA, Alice. (In)visibilidades e poéticas indígenas na escola: atravessamentos imagéticos. **Revista Teias**, [S. l.], v. 18, n. 51, p. 14–32, 2017. DOI: 10.12957/teias.2017.30739. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/30739>. Acesso em: 27 mar. 2024.

Notas

ⁱ Graduação em Desenho e Plástico (Bacharelado e Licenciatura). Especialização em Design de Superfície e Estamparia. Mestrado em Artes Visuais. Doutorado em Educação (UFSM).

-
- ⁱⁱ Bacharelado em Artes Visuais/UFRGS, ênfase em desenho. Licenciatura em Artes Visuais/UFRGS. Mestrando no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGEdu/UFRGS.
- ⁱⁱⁱ Licenciatura em Letras/UFRGS. Mestrado em Estudos Literários/Ufrgs. Doutorando no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGEdu/UFRGS.
- ^{iv} O material foi inicialmente publicado e apresentado aos professores e alunos argentinos, e posteriormente publicado no Brasil. A edição brasileira, além das universidades já citadas, também contou com a parceria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)
- ^v Giby é uma publicação bilíngue, com versões em português e espanhol.
- ^{vi} No momento desta escrita, foi lançada a segunda edição, em janeiro de 2022. A terceira edição da revista Giby foi financiada com sucesso, estando na fase final para futura publicação. Disponível em: <<https://www.catarse.me/giby3>>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- ^{vii} Roteiro: Ignacio Soneira; Desenhos: Javier Nobile; Coord: José A.Tasat.
- ^{viii} Termo quechua que designa alguma região seca do altiplano sul-americano.